

SÍLVIO ELIA  
(4.7.1913 – 16.11.1998)

Dr. Antônio Gomes da Costa

Este texto da *Confluência* é escrito com muita tristeza – e também com saudade e reconhecimento.

Há poucas semanas, perdemos o Professor Sílvio Edmundo Elia – o grande amigo, o mestre de sempre e o Homem bom e afável de todos os dias. E essa perda atingiu-nos em cheio, como não podia deixar de ser.

Conhecemo-lo há muitos anos. Acompanhamos o seu magistério no Colégio Pedro II e na Universidade. Aprendemos em seus livros. Sentimos o seu carinho e desvelo pela terra e pela gente portuguesa. Guardamos muitas das suas conversas e ensinamentos. Recebemos muitas de suas atenções. Um dia, no Palácio de São Clemente, vínhamos então de assumir a presidência do Liceu Literário Português, fizemos-lhe um convite:

— Professor, vamos criar um Instituto de Língua Portuguesa. A cidade do Rio de Janeiro tem todas as condições para ser um centro de referência nos estudos do Idioma. Reuniremos aqui especialistas de todo o Brasil e do mundo inteiro.

E, numa quase premonição, bordamos o convite: “Assim como o Laboratório de Engenharia Civil, de Lisboa, se transformou num espaço de excelência para os estudos de solos, barragens, de pontes, etc. também nós, consigo, vamos converter o Liceu Literário Português numa instituição de prestígio, talhada para a pesquisa, o ensino, a defesa e a difusão da Língua”.

O professor Sílvio Elia sorriu levemente, perdoou o nosso entusiasmo e não hesitou em aceitar o convite.

— Vamos em frente.

Ele próprio chamou outros mestre e companheiros de jornada: Evanildo Cavalcante Bechara, Gladstone Chaves de Melo, Maximiano de Carvalho e Silva, Antônio Basílio Rodrigues – e logo passamos a reunir-nos para dar corpo

à idéia. Desenhou-se o formato e o organograma; estabeleceram-se os objetivos e escolheram-se os instrumentos para concretizá-los. Queríamos um organismo dinâmico, de estrutura leve, que aproveitasse as infra-estruturas do Liceu e que tivesse, como suporte, a biblioteca e o acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Tudo pronto e em 27 de março de 1990 era criado oficialmente o Instituto de Língua Portuguesa.

A partir daí, Sílvio Elia não teve mais descanso – ele que já se dividia por Universidades e por tantas outras instâncias de ensino. Mas começou a organizar cursos e sessões de estudo; a planejar congressos, dois deles de âmbito internacional; a promover encontros de filólogos e gramáticos; a mobilizar professores e alunos para debates; a fazer palestras e mesas-redondas. O Instituto tornou-se a “menina de seus olhos”. A revista *Confluência* passou a ser editada a cada semestre e artigos sobre questões lingüísticas saíam todas as semanas nas páginas do jornal *O Mundo Português*, de sua autoria e de autoria de seus Companheiros. Era uma equipe a funcionar harmonicamente – e não parava nunca. Às vezes, nós, na diretoria do Liceu, custava-nos a dar vazão aos programas, iniciativas e projetos que nos trazia. Era uma entrega de corpo e alma. Sem receber uma recompensa. Até nos esquecíamos de dizer-lhe “obrigado”. E se antes já tínhamos um profundo respeito por Sílvio Elia, por sua obra e por sua vida universitária, por seu bem-querer e por sua simplicidade de grande Homem, nestes últimos 8 anos em que ficamos mais perto dele e durante os quais presidiu a Comissão Diretora do Instituto de Língua Portuguesa, a nossa admiração aumentou – e com essa admiração o reconhecimento devido por tudo aquilo que fez, por amor e por amizade.

Com sua morte perdeu o Brasil um de seus mestres mais notáveis e perdeu Portugal um de seus amigos mais certos e desprendidos. E nós perdemos um admirável mestre e amigo, cujo nome ficará gravado na história do Liceu Literário Português, ao lado dos de Afrânio Peixoto e Pedro Calmon, como um dos brasileiros mais ilustres que enriqueceram a sua cátedra.

\*\*\*